



Gaiato



Quinzenário • 13 de Julho de 1991 • Ano XLVIII — Nº 1235 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

16 de Julho

Trinta e cinco anos se cumprem neste dia. Exteriormente nenhum prognóstico de que o fim se aproximava. Pai Américo gozava de muito razoável saúde; as suas capacidades de pensar e de agir não denunciavam a quebra que os anos sempre produzem. Tínhamos homem ainda para muito tempo — poderíamos pensar. Só que a trajectória dos discípulos é consoante os desígnios do Mestre. E Este não demorou muito na sua presença visível no meio dos homens para realizar plenamente a missão que o Pai lhe confiara, Missão para os séculos sem fim. Ao aproximar-se a *Sua hora* preparou os discípulos para aceitarem o cálice que Ele havia de beber e que cada um, na *sua hora*, haveria também de beber. E beberam. Beber o cálice, aceitar a cruz e levá-la até ao fim é, por excelência, o sinal do discípulo.

Pai Américo foi um apaixonado de Jesus. E para si a imagem d'Ele era o Cristo crucificado. «Eu não sei nada, eu não sei dizer mais nada... senão Cristo e Cristo crucificado», gostava ele de repetir de S. Paulo, esse Grande da primeira geração dos apaixonados de Jesus. A sua espiritualidade é profundamente marcada pelo Calvário. Talvez por isso a obra do «Calvário» tenha surgido como o seu canto de cisne. Mas toda a sua vida é um caminho de cruz, consciente e alegremente assumido, como quem sabe de ciência certa que não há fecundidade sem morte: «Se a semente não morrer...»!

Um desabafo de uma vez, a documentar: «A nossa Obra oferece muitas e grandes deficiências. Os casos desta natureza são de todos os dias. Estes casos são meus. São totalmente meus. São de graus silenciosos e dolorosos por onde se sobe às culminâncias. Não há outro camiinho nem outra maneira de subir... Que ninguém se engane!» Outras notícias boas também se davam...: «São os teus de graus. Para que tu possas saborear estes, tenho eu de amargar outros que se não publicam».

Os seus últimos anos foram bem temperados por amarguras que se não publicam. Foram a prepara-



ção próxima para a *sua hora*, do que ele teve a intuição e deixou perceber aqui e além, discretamente, quase anedoticamente, nos seus escritos.

A *sua hora*, a hora da

missão cumprida, a hora de passar pela Cruz e dela à felicidade perfeita — que temos nós que a discutir?! Temos, sim, que louvar a Deus e aprender a lição!

Padre Carlos

SETUBAL

Cantinho dos Rapazes

Começou, dia um, o período de praia para os rapazes. O mês de Julho é dos mais pequenos e o de Agosto dos maiores. Época ansiada por eles para se sentirem mais livres, mudando de ambiente, contactando o mar e a serra, a pesca e as aventuras nos penhascos. Também gosto de gozar o alvoroço feliz da alegria deles!

Organizar o mês de praia é montar a vida noutra lugar. Também aqui não podemos deixar de ser uma Obra pobre. A cozinha, o servir à mesa e lavar a louça, etc., têm de ser obra deles, para eles, por eles. A chefia e elaboração diária do programa precisam do concurso indispensável dos rapazes. Estes podem encontrar então uma oportunidade única de medirem para si e mostrarem aos outros as suas capacidades de liderança!

A praia tem de ter chefes! Sem chefe não pode haver descanso. Nenhum jovem capaz disso se deve desobrigar desta missão. Seria destruir a nossa Obra e transformá-la noutra, característica, que não uma Casa do Gaiato.

Contaram-me, há muitos anos, duma atitude radical do senhor Padre Américo com um rapaz que se negou a ser chefe. Ontem, um dia de tanto júbilo transformou-se numa noite de trevas, profundo sofrimento.

Ser Pai deve ser o objectivo primeiro de quem cresce na vida e para a vida. A Paternidade não é uma função instintiva e física, mas um força do coração que precisa de ser cultivada e exercida e saboreada na experiência difícil, mas gozosa, da chefia. Ninguém é pai por instinto. Daí, que o Padre Américo mergulhando na revelação de Deus, criasse para vós, rapazes, uma Obra onde ao jovem fosse oferecida a grande oportunidade de crescer e amadurecer, sendo chefes. Quantos filhos abandonados ou mesmo desequilibrados porque os

Continua na página 2

MOÇAMBIQUE

Voltamos para Moçambique pela mão da Igreja do Maputo, correspondendo a um desejo expresso e repetido do Governo. Este não pode ceder a Aldeia que ali construimos, mas coloca, em nossas mãos, uma fazenda de quinhentos hectares de terreno fértil nas margens do Umbeluzi.

Dadas as condições extremas de subsistência, teremos que levar, daqui, desde agulha e linha, às mais diversas ferramentas de trabalho. A nossa melhor ferramenta é, porém, a vontade e o entusiasmo de enfrentar todas as adversidades. E a nossa esperança não será confundida, pois sabemos em Quem acreditamos.

Em Paço de Sousa, olhando estes moços descuidados e alegres, vejo os de lá angustiados e tristes. Não será fácil fazê-los sorrir.

Se preciso for, chorarei, apenas, como eles. Espero ainda forças para refazermos a esperança.

Já vejo casinhas brancas, ao longe; campos de milho, hortas cheias de mimos,

Continua na página 3



Casa do Gaiato de Lourenço Marques (hoje Maputo)

PELAS CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

• De vez em quando surge um ou outro *calvário*: Pobres acamados(as) por doença súbita ou incurável. Geralmente, solitários que têm necessidade absoluta de tudo — até ao Fim.

As nossas companheiras de acção, vicentinas, procuram fazer o melhor possível. O grupo divide trabalho e motiva a vizinhança. Serviço comunitário! Nesta região — bolsa de trabalho do Grande Porto... — obviamente a maior dificuldade é com doentes do sexo masculino, na mesma situação.

Agora, elas assistem outra doente. Trabalhosa. Há pessoas que jamais tiveram o mínimo cuidado de higiene e obrigam a redobrado esforço, exigem muita paciência e compreensão.

Resumindo e concluindo: Estas discretas acções de apoio domiciliário, não afastam o Pobre ou a Pobre do seu *habitat* — se for decente, com o mínimo de condições. Pequeninos *Calvários* que podem despertar Solidariedade activa nas respectivas comunidades. Testemunham que «*todo o Homem é nosso irmão*». E quanto mais desamparado, e solitário, mais necessidade tem de quem lhe dê a mão.

PARTILHA — «*Mensalidade de Junho*», do assinante 11902 — com a amizade de sempre. Rua da Boavista, Porto, cinco mil: «*Pequena ajuda, do mês de Junho, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Não é preciso agradecer. Pela conta do Banco saberei que receberam*». Baguim do Monte, 1.500\$00 «*para a renda da casa da viúva*» Velha Amiga, de Pardelhas (Murtosa): «*As migalhinhas que vão além* (das contas com O GAIATO) são para a Conferência de Paço de Sousa pagar medicamentos aos mais necessitados, em acção de graças pela

saúde que Deus me tem dado». O habitual cheque, de Santa Cruz do Douro, e boas notícias sobre a Fundação Eça de Queiroz. Assinante 24851 volta a recortar texto desta coluna e junta dois mil para «*assinalar o 30.º aniversário do nosso casamento, pequenina oferta para alguma necessidade mais urgente duma família em dificuldade, socorrida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Não percam tempo a agradecer*». Parabéns. Deus vos ajude.

O assinante 9790 com *pequenina ajuda* (cinco contos), pedindo «*uma oração ao Senhor por uma intenção particular*». E mais três, da «*Avó dos 5 netinhos*», para «*uma viúva com filhos*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — A época escolar terminou. Foi a alegria de passar mais um ano. Para outros, a repetição do mesmo ano lectivo...

PRAIA — O primeiro turno já partiu. Esperamos que se divirtam muito e corra tudo bem com eles. Mas os que estão cá também se divertem bastante e sempre com esperança que chegue o seu turno.

DESPORTO — Como tínhamos referido, no torneio de futebol em Galegos jogámos a final no dia 26 de Junho e perdemos por 4-0.

VISITAS — Com o calor que temos sentido, os nossos Amigos não nos esquecem. Para alguns é mais alegre passar um domingo em nossa Casa, do que uma tarde à beira-mar!

Obrigado. Continuem a vir, porque nós somos a Porta Aberta.

ÁFRICA — Dois dos nossos padres foram a Angola tomar conta da situação das nossas Casas de Malanje e de Benguela. Boa sorte!

Carlos Alberto (Lito)

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Continuamos com obras na casa-mãe. Colocámos as vigas e andámos a encher os caixilhos e o piso que irá suportar o telhado. Depois, virão os acabamentos.

Têm dado bastante trabalho, mas esperamos que depois de concluídas obtenhamos umas condições excepcionais.

AGRICULTURA — Começámos a arrancar a batata no Olival dos Poços. Dois dias de grande trabalho, que não é fácil, pois exige muito esforço. As condições climáticas, o sol, nesses dias esteve bastante activo, dificultou e atrasou a actividade, porque nas horas de calor mais intenso não podíamos trabalhar.

Foi uma desilusão, no final da colheita: o batatal que, em anos anteriores, proporcionou abundantes colheitas, este ano decepcionou bastante. Pouca batata e de reduzido tamanho.

O milho continua a crescer, apoiado pelo novo sistema de rega.

As árvores de fruto carregadas, prometem uma abundante colheita. As ameixoeiras começam a dar fruta para as nossas refeições.

CARAS NOVAS — Chegaram três caras novas: Hugo, Nuno e João, provenientes de Anadia, Coimbra, e Castelo Branco, respectivamente. Assim como há entradas, também há saídas; rapazes que se lançam num futuro incerto ou ilusório por auto-iniciativa ou induzidos pelos familiares. Casos de Zito e do «Maradona».

Resta desejar-lhes boa sorte e consigam o que preten-

dem na sua vida, no aspecto familiar, social, económico... Boa sorte rapazes!

FÉRIAS — Abriu a época balnear. Estão já rapazes na praia de Mira, nomeadamente os distribuidores d'O GAIATO, os «Batinhas» e alguns da nossa Casa do Gaiato do Tojal.

Aqui recorremos à piscina no tempo de ócio, geralmente no fim-de-semana.

Os rapazes adoram banhar-se na piscina, especialmente a camada mais jovem.

Aproveitamos para desejar umas óptimas férias aos nossos leitores, amigos, etc.

AGRADECIMENTO — Muito especial à Iofil que nos oferece, há já bastante tempo, iogurtes da marca Danoné. São deliciosos! Vêm por intermédio da Casa do Gaiato do Tojal.

António Maria

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Li, algures, que os meses de verão são um autêntico purgatório para muitos animais domésticos. Os seus donos, dominados pelo ego-centrismo, abandonam-nos, ficando à mercê de alguma mão caridosa que porventura apareça.

Infelizmente, esta dura realidade também se verifica com determinados estratos da nossa sociedade, nomeadamente com os idosos, os doentes, os sós, etc.

A sociedade, mergulhada num frenesi incessante, chegado o momento das férias, apenas quer libertar-se de tudo e de todos e dar asas e liberdade (?) aos instintos, infelizmente muitas vezes selvagens. E quem mais sofre, são os mais desprotegidos.

É certo que todos temos direito a férias e descanso. Mas também temos o dever de cuidar e amar o próximo na pessoa desses desprotegidos.

Uma velhinha dizia com tris-



Casamento: João Fuzeta e Maria Helena.

teza: — Agora que vêm aí as férias, vai aparecer menos vezes, pois vai? Para os velhos e doentes era melhor que não houvesse férias!

Sosseguei-a, dizendo que tal não irá acontecer.

As férias são (ou deveriam ser) uma paragem no meio de tanta pressa; uma pausa na vida quotidiana; uma altura em que deveríamos sair de nós próprios e ir ao encontro de Deus e dos Outros; «um recarregar de baterias»; uma ocasião para pôr em prática o que o Bom Deus pôs à nossa disposição; o silêncio no meio da vozeria; a ocasião propícia para olhar para o lado e ver o nosso semelhante.

Infelizmente, para uma parte de nós não é assim. E é pena! Um dos pecados da vida moderna!

O QUE NOS DERAM — António Valente, 3.000\$00; Esmeraldina, por alma de seu irmão sacerdote, 20.000\$00; Lígia, 5.000\$00; Henrique, 7.000\$00; Armandina, 20.000\$00; Amorim, 10.000\$00; Anónimo, 1.000\$00; outro anónimo, 3.000\$00.

Um vicentino

Cantinho dos Rapazes

Continuação da página 1

pais e as mães não se educaram no exercício árduo, sim, mas exclusivo da Paternidade.

Já vos esquecesteis de que outros vos guiaram quando éreis pequenos? Já não vos lembrais das terríveis situações que vos trouxeram à Casa do Gaiato? Já não apreciáis nem o nosso longo e contínuo sacrifício que não dá tréguas a nada, nem o bom e favorável ambiente da Casa do Gaiato?

Queridos rapazes, venci as terríveis tentações de hoje: Fuga às responsabilidades, deixar correr, embarcar pelo mais fácil.

Olhai que é muito certa a Palavra de Jesus: «Entrai pela porta estreita». E esta é a porta da responsabilidade.

Sabeis há quantos anos não tenho férias, nem sábados, nem domingos, nem nada e como preciso da vossa ajuda por causa da Comunidade que é a nossa Família?

Padre Acílio

Cooperativa de Habitação Económica

Para que todos os nossos Amigos, principalmente os que nos têm ajudado, possam ficar com uma ideia daquele que está a ser o nosso primeiro empreendimento, publicamos o alçado principal dos blocos para 19 fogos, em Vales, Paço de Sousa. Esperamos que em Julho do próximo ano, a quando do convívio anual dos antigos Gaiatos, possamos fazer a entrega das casas

aos inscritos para este complexo.

Tem sido um processo bastante penoso, para os que nele estão empenhados. A nossa pouca experiência nestas andanças e a farta burocracia das entidades contactadas, são, em parte, responsáveis pelo atraso do início da construção.

A partir de agora, a vossa presença torna-se cada vez mais necessária. Teremos de pagar cerca

de 100 mil contos ao Instituto Nacional de Habitação.

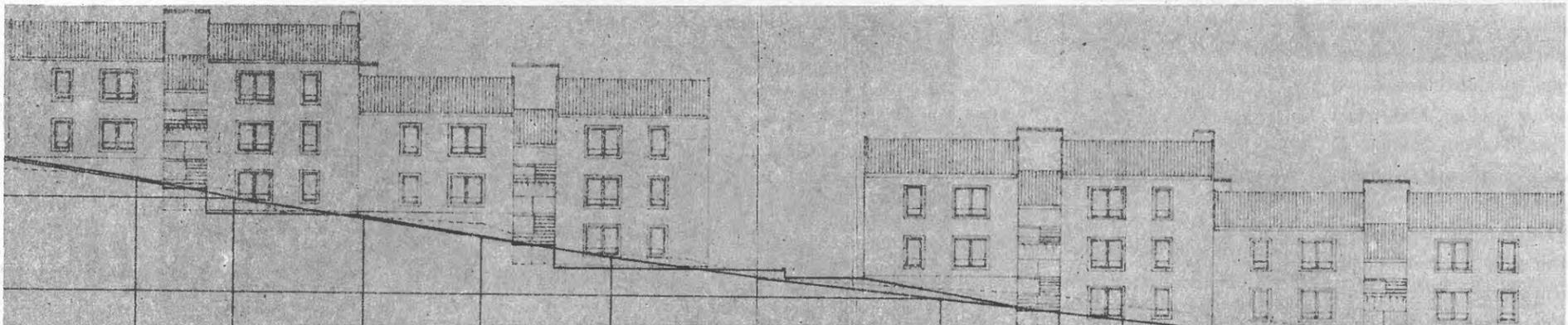
Só uma percentagem muito pequena dos futuros ocupantes poderão suportar os encargos. Outros terão que ser ajudados e só o poderemos fazer se estiverdes connosco. Já em crónica anterior escrevíamos: «Se não poddes oferecer uma casa, oferece uma telha».

Pai Américo apreciava muito

as «migalhas» que os portugueses depositavam nas suas mãos, pois ele sabia que eram dadas com muito sacrifício e amor.

OFERTAS — Assinante 22344, manda 10.000\$00, e escreve: «Com muito amor venho enviar esta pequena ajuda para umas telhas». Alexandrino e esposa, da Póvoa de Varzim, a habitual presença de 5.000\$00.

Carlos Gonçalves



Do que nós necessitamos

Ele há coisas tão simples e tão grandes! No segredo da vida de cada pessoa esconde-se a maravilha: «Uma migalhinha da renúncia diária. Que Deus a abençoe e faça crescer como fermento na massa». Uma viúva que vive da sua reforma acaba de fazer 74 anos e manda uma pequena ajuda.

Quem vive neste lugar é testemunha de muita miséria; sabe, porém, que a bondade tem mais força. «Mais um ano tenho a alegria de pagar a minha assinatura do jornal.» Pagar?!... Como pagar o que não tem preço?! É uma pequena ajuda para o material, que a riqueza espiritual nele contida, o despertar de consciências que ele é, a inquietação pacificadora que ele causa, não tem preço.» São os leitores que fazem a doutrina.

Sim, necessitamos de gente generosa para esta causa. Reze, minha senhora, que o caminho da Obra da Rua não se faz sem dobrarmos os joelhos. Em caso de dúvida venha conversar conosco. A avó manda 55.000\$00 e acrescenta: «Peço uma oração pela felicidade da nossa primeira neta, que vai casar. Ela e o noivo acabaram o ano passado o curso de Direito,

que fizeram sempre juntos. A brocha de pintor, trabalhos de carpintaria, electricidade, costura e limpeza, tudo passou pelas mãos dos dois, durante o tempo de espera até poderem casar e viver no seu pequeno apartamento. Ouso pedir um pensamento bom para os dois». Se a importância material é importante, que valia não lhe é acrescentada pela mensagem que a acompanha? A beleza da oferta revela-se no seu todo. Mais: «A titular deste cheque, de 87.000\$00, é recém-licenciada em medicina e encontra-se a fazer o estágio nos serviços hospitalares. Tinha feito o propósito de oferecer o seu primeiro vencimento, pós-licenciatura, à Casa do Gaiato. E aqui vai inteiro para a vossa (nossa) Obra». Não se diz quem é. Rezamos por ela, que esta atitude é o primeiro passo para colocar o dinheiro no seu lugar, não venha a estragar tão bela missão como é a de ser médica.

Dum amigo, na África do Sul, duas notas de 50 rands para uma assinatura nova do *Famoso* a oferecer à filha como prenda do aniversário natalício. Mais uma «gota de água» para agradecer a «lufada de ar fresco» que entra em casa «quando recebo o vosso pequeno mas riquíssimo jornal». «Da vossa descaída amiga, um cheque de 40.000\$00 para a assinatura de O GAIATO, o melhor presente que recebo». Da catequese, do Candal, 21.500\$00. «Aqui vai o restante da migalhinha para perfazer o que faltava das minhas primeiras comissões como vendedor.»

Quem tem consciência delicada preocupa-se com o uso justo dos seus bens. Não esquece a dimensão social que lhes pertence. «Temos um pequeno negócio por conta própria. Estamos a fazer algumas economias para uma pequena vivenda, se conseguirmos... Gostávamos que tudo fosse mais fácil para todos.» Das suas economias tira 10.000\$00.

Os reformados e pensionistas sabem repartir do pouco que têm: «Venho distribuir um pouco da minha reforma por essa Casa que tanto admiro». Mais quinze mil escudos e este recado: «O GAIATO é para mim a luz que brota como manancial para a minha solidão. Alegro-me quando leio a vossa satisfação e fico angustiada com as vossas tristezas». Mais partilha: «Ao fim de tanto tempo de boas intenções, venho finalmente pedir que me inscrevam na lista dos

assinantes. Envio 100.000\$00. Não indico a utilização a dar. Vós sabeis quais as necessidades mais prementes. Como não posso ser totalmente desinteressada, faço uma troca: Rezem por mim, para que vos possa ajudar ainda durante bastante tempo». Outra gota preciosa: «Recebo uma pensão de invalidez. Vi a frase: 'Há mais alegria no dar que em receber'. Isto tocou-me no coração». Aliviou a sua dor com mil escudos. Há os que podem ir mais além e vão: «Com esta, envio um cheque de 300.000\$00 para a Casa do Gaiato. É a percentagem da importância que recebi pela venda de uma pequena, velha e degradada casa. Preferia que fosse destinada a ajudar a suprir as enormes deficiências dos que não têm lar».

Quem é pobre de coração julga-se sempre em dívida: «Agradeço ao Senhor esta oportunidade que me é dada para poder partilhar um pouco do muito que me foi dado ao longo da minha vida». O que é dado por devoção traz a marca dos grandes acontecimentos que salvam. Sem barulho. No segredo. A explosão dá-se nos frutos. Mil contos de maneira tão discreta que quase não se dá conta. Outra vez e outro tanto! Quedamo-nos admirados e agradecidos.

Esta coluna revela momentos de reconciliação com a consciência individual, colectiva e com Deus. «Mando este cheque, portador do nosso Acto de Contrição por todas as nossas culpas desta falta de amor no mundo, neste aniversário de casa-

mento.» Mais duzentos mil, para serem utilizados no todo ou em parte no apoio à construção de casas para necessitados.

Há duas notas que caracterizam as dádivas que ajudam a resolver os problemas: «...Todo o nosso trabalho, que estamos a fazer com fé e amor...» Estes trabalhos não cansam. São necessários porque marcam, a todo o momento, o sentido da vida. Por isso, o amigo que hoje envia 300.000\$00, por exigência do ritmo da sua vida, volta a fazê-lo noutra ocasião. «Não calculam o bem que me faz a leitura de O GAIATO! Devoro-o num instante.» O bem é difusivo de si mesmo. Espalha-se. Quanto mais, mais. «Pelas melhoras de meu pai — 100.000\$00.»

Este pormenor! «Tenho apenas uma pensão de 8.890\$00, mas, no dia do meu aniversário, pessoa amiga ofereceu-me 3.000\$00 para comprar uma lembrança. Como estou velha, não vale a pena; resolvi enviar 2.000\$00 para O GAIATO e sinto-me feliz». Deixo aqui o recado da assinante 22255: «Sugiro que os leitores nunca deem fora O GAIATO. Deixem-no em comboios e outros transportes públicos e, até, em consultórios, etc.»

O Espelho da Moda, à R. dos Clérigos no Porto, continua a ser lugar de encontro de muitos amigos da Obra da Rua. «O meu cheque de 50.000\$00 destina-se a secar lágrimas de grande aflição.» Há outros que não estancam com cheques:

«... Já nessa altura o Padre Américo estava preocupado

com a falta de ajuda feminina para a Obra da Rua. Quando as mulheres descobrirem que a felicidade está na capacidade de doação aos Outros, as vocações hão-de vir. Ai da mulher quando perde a sua vocação materna! E a grande dor dos nossos dias é ver a degradação da mulher que vai até ao ponto de causar a morte dos próprios filhos em suas entranhas.» Bem, é a mulher que fala a partir da sua experiência. Àquela senhora que me escreveu a saber da sua utilidade na Obra da Rua, ainda que por algum tempo, digo que venha a uma das nossas Casas para falar sobre o assunto.

Quando há comunicação de pessoas e de bens a estagnação não existe: «Aceitai esta pequena partilha e desculpai por ser tão pequena em comparação com a generosidade de muitos dos nossos irmãos, talvez mais carenciados do que eu! Mas têm a coragem e o verdadeiro amor que eu, infelizmente, não tenho!» Mais: «Aqui estou, outra vez, com uma migalhinha para as vossas necessidades. Sempre que me seja possível marcarei presença». Estamos habituados, deste há muito tempo, à «modesta quantia de 500\$00» que traz muita amizade de A. R. A.

Padre Manuel António

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

flores ao redor das casas da Aldeia. Oiço os pássaros a cantar, no alvorecer. Já tenho sonhado com eles.

A minha equipa de trabalho tem quatro adultos, apenas; mas que de promessas e esperanças carregamos!

Vai a Irmã que trabalhou comigo no Brasil. Será para ela a organização da Escola e a Pastoral da Criança. Todas as mães, ali à volta, com os seus bebés serão a sua parte.

Vai o Jaime, técnico agrícola, que tem a responsabilidade de encher os campos de promotoras colheitas. Haja ferramenta para isso. Vai a esposa que será a senhora da

nossa pequenina casa a esperar-nos, com a mesa posta, ao fim do trabalho — se houver que comer. Se não, terá de inventar.

Vão dois pequeninos. O filho do casal e outro que trouxe do Brasil. Serão os tutores a amparar nas suas brincadeiras e no modo infantil os que se vierem a juntar.

Vai o Padre Telmo, por um tempo breve, para dar conselho com a sua sabedoria de poeta e o seu jeito de alavanca.

Só que não vamos juntos. Primeiro, nós padres e o Jaime. Teremos de abrir caminho, no mato, para as senhoras e os pequeninos.

Vamos ser cabouqueiros a estimular a construção de

casas à população abandonada, abrir sulcos na terra e lançar sementes para que brote a esperança e a alegria no coração manso e humilde dos que nos esperam.

Vamos transformar capinzais em pão. Fazer a vida voltar a crescer nos irmãos com fome.

A prudência humana pede cautela. A experiência pede coragem. A lógica pede cabeça fria. O trabalho que nos espera, pede coração. A economia pede cálculos. Deus pede doação!

Sabemos quanto conforta ter confiança e vamos na hora da Providência.

Padre José Maria

DOCTRINA



...que os passarinhos do céu fazem deles abrigo.

• A Sopa, de hoje, é feita do apelo formal que se faz aos homens de boa vontade para me ajudarem no pagamento da casa, agora que Coimbra se despovoou dos que saíram a férias e que a escritura da compra foi assinada. Não se cuide, porém, que o pobre da Sopa ficará doravante constituído em senhor e possuidor de casa e de terras, que isso não é verdade. Não comprei nada para mim.

• A quantia é alta demais para um pobre de pedir e, por isso mesmo, alguém há-de dar a mão para eu subir todas as calceiras, uma por uma, sem necessidade de olhar para trás nem para o fundo, não vá perecer na vertigem; antes sempre para o alto, até chegar à derradeira. São quarenta mil escudos da compra, quatro mil ditos de impostos e mais uns vinténs para repor mobílias, o que, tudo contado e somado, vai para cinquenta mil escudos redondos, em dinheiro do Banco da Nação. Não é justo que seja um sozinho a suportar carga tamanha, quando se trata de um Bem Comum.

• A vivenda funcionará como Preventório modesto e caseiro sem pautas nem regimento; e nos meses de Verão, Colónias de Férias organizadas. Havemos de ter assim a alegria infinita de namorar o gaiato a ripar fruta das árvores e a beber vinho em bagos colhidos por ele mesmo; e sabemos, de antemão, por experiência dos anos anteriores, que a malta só toca na fruta quando e como lhe for indicado. A massa é boa; o fermento da rua é que a derranca.

• Apelamos para todos os que conhecem e simpatizam com a Obra, nomeadamente para os médicos de coração que trabalham nos dispensários de Coimbra, testemunhas inteligentes de casos dolorosos de todos os dias, presentes à sua missão de consolar. Quando aparecer aquele miúdo de sorriso triste pelo braço da mãe, sem cama nos preventórios do Estado nem pão na lazeira da mansarda, esse pequenino terá tudo isso na Casa do Gaiato Pobre, perto da vila de Miranda do Corvo, a 28 quilómetros de Coimbra.

• Leitor amigo, tu também podes ser grande e fazer no mundo coisas grandes, que a verdadeira grandeza é ajudar os Oprimidos.

O. Amén. 5!

(Do Livro Pão dos Pobres — 2ª vol.)



Tânia Sofia aos dois meses (no seu baptizado), filha do Zé Manel e da Sandra Mónica.

JUSTIÇA SOCIAL

SIM, «a Igreja tem a sua palavra a dizer» a respeito da justiça devida a cada homem e a todos os homens, neste mundo onde os progressos do pensamento, da ciência, das técnicas são inegáveis... e, todavia, nem pela reflexão directa dos problemas nem pela lição das experiências vividas, se foi ainda capaz de ultrapassar uma certa frustração no alcance daquele objectivo. E sem tender efectivamente para ele, a *Família Humana* é uma palavra vã, como o é a alegria de viver para cada homem e a paz autêntica entre todos.

A Igreja tem uma palavra e tem o dever de a comunicar porquanto essa Palavra que lhe foi confiada é a «Boa Nova» da Salvação que se vai construindo *aqui e agora*, é o Evangelho do «Reino que já começou», «fora do qual não existe verdadeira solução para a *questão social*». Por isso, desde Leão XIII, vem repetindo: «Parecer-nos-ia faltar à nossa missão, se nos calássemos». E no desempenho da sua missão, tem oferecido «como orientação ideal indispensável», a sua Doutrina Social, retomada, desenvolvida, *aggiornada*, de modo a acompanhar a evolução da sociedade humana. Porém, «os modelos reais e eficazes poderão nascer apenas no quadro das diversas situações históricas, graças ao esforço dos responsáveis que enfrentam os problemas concretos em todos os seus aspectos sociais, económicos, políticos e culturais, que se entrelaçam mutuamente».

A Igreja não se sobrepõe ao homem na busca de soluções concretas aos problemas com que ele se debate. Pretende, sim,

iluminar-lhe as interrogações a que ele tem de procurar resposta com a luz da Palavra revelada; e acautelá-lo de si mesmo, de todos os desvios de que a fragilidade da sua natureza o torna presa fácil na malha complexa que o mundo tece, na qual o economicismo se infiltra com maior ou menor subtilidade, em afronta ao humanismo que deveria ser a grande referência sempre presente em toda a organização social.

Deus criou o mundo e entregou-o ao homem para o administrar em proveito de todos os homens. Poderia Ele mesmo ter consumado o mundo na Ordem, na Justiça, na Paz. Mas então o homem seria um *robot* comandado por Deus, não mais o único ser criado à imagem e semelhança d'Ele, essencialmente livre. Por isso o plano divino projecta o Bem para todos os homens, a realizar pelo homem. Para isso o homem tem de aprender a usar da sua liberdade na fidelidade ao plano de Deus, até à consumação do Seu projecto: Reino de verdade e de vida, de santidade e de graça — Reino de justiça, de amor e de paz».

A dignidade essencial do homem, que Deus respeita como ninguém, tem um alto preço que é o de andarmos, todos os homens, por entre altos e baixos, em busca da meta; mas não há outro caminho. A meta a alcançar pertence à natureza do homem: Deus fê-lo para além dela e o dinamismo da sua vida exprime-se em uma ânsia incessante de ultrapassar-se.

A Justiça Social será, pois, obra do homem, a realizar na luz de Deus, pela força da Sua graça, sem expectativa de

que Ele nos substitua. É um estímulo que manterá o homem sempre em tensão, lhe exigirá luta sem tréguas, em primeiro lugar *contra* si mesmo, num alerta constante sobre a sua fragilidade. Tem de procurar-se a partir do direito privado de possuir bens e do dever de efectuar a vontade de Deus, que destinou a todos os homens tudo quanto fez e entregou ao homem. Tem de realizar-se pela assunção, por parte dos chamados a gerir, de um espírito de universalidade no que respeita aos frutos da sua gestão; pela convicção de que «um certo domínio sobre os bens externos, se assegura a cada um a indispensável esfera de autonomia pessoal e familiar, deve considerar-se como que uma extensão da liberdade humana» porque «a própria propriedade privada é, por sua natureza, de índole social, fundada no destino comum de bens», conforme se afirmou no Vaticano II (Constituição *Gaudium et Spes*).

Os resultados funestos a que levaram ensaios de liberalismo cego e feroz e de colectivismo massificante, mostram que tais experiências não são de repetir. A Justiça Social há-de encontrar-se num ponto de equilíbrio (realmente difícil!) entre tais extremos. Ela depende, fundamentalmente, de um exercício corajoso da liberdade humana, humilde e diligentemente procurada no conceito divino de Liberdade que Jesus Cristo abriu no Sermão da Montanha e sintetizou no Seu Mandamento Novo.

Padre Carlos

ÁFRICA

NOTAS DE VIAGEM — Escrevo estas notas no aeroporto de Lisboa, a caminho de Angola. Padre Telmo faz o mesmo, na minha frente.

O bulício é grande. Os passageiros cruzam-se em várias direcções. Cada um leva, em seu coração, cuidados diferentes.

Nesta hora e neste lugar vem ao de cima a paixão que nos consome: os Pobres de Angola. Sei que, bem perto do lugar onde estamos, há barracas, há crianças, há miséria. Há, também, quem pense e vá consumindo a sua vida no meio deles. É o aguilhão necessário para que as consciências não adormeçam. O «pobres sempre os haveis de ter convosco» é o anúncio de que não há-de faltar ao homem a ocasião de celebrar, diáriamente, em todos os instantes, acontecimentos de Salvação.

Somos fracos. O egoísmo acompanha-nos por dentro e por fora. Os Pobres são o sacramento necessário para nos salvarmos. Ou os acolhemos... ou «afastai-vos de Mim, malditos...»

Sim, levamos em nossa vida, nesta viagem, a paixão dos Pobres de Angola. O problema põe-se-nos numa visão de prioridade. Está primeiro o que mais precisa, o mais fraco, o mais abandonado, o que nada tem a não ser o olhar cheio de esperança na mão que salva, pela graça de Deus.

Pelo nosso pensamento,

como num *écran*, passam as aldeias queimadas pela guerra, as lavras à espera de braços para matarem a fome; a multidão de filhos sem pai nem mãe, dispersos e sem futuro, marcados pela vadiagem e a instabilidade, sem o mínimo de hábitos de trabalho; a multidão de famílias aglomeradas nos centros urbanos onde não há trabalho, nem meios de subsistência, nem habitação.

No meio desta noite escura, a Obra da Rua quer ser uma luzinha a anunciar a esperança, a apontar caminhos seguros. Levamos este desejo em nosso coração.

Pai Américo é um ponto alto de referência, em mais um aniversário da sua partida do nosso meio. O 16 de Julho de 1956, vivido em África, este ano, há-de ser a meta do discípulo humilde que não pode querer ser mais que o Mestre.

Esta data, neste momento, aponta para o universalismo de Pai Américo que, sem pretender resolver todos os problemas dos Pobres, foi e é testemunho eficaz entre povos e culturas diferentes. Quem dera a Obra da Rua acolha com humildade os caminhos que lhe são propostos na perspectiva evangélica de que o grão de trigo não pode ficar só, mas tem de se deixar cair no sulco para ganhar vida e reparti-la.

Padre Manuel António

• Como a maior parte da comunicação social nos mostrou o Santo Padre?

Duma forma tão banal, tão superficial, tão retorcida até!

Eis dois jornalistas duma emissora:

«O avião tem já os motores a trabalhar. Ele reflecte os raios de sol desta linda manhã. É a primeira vez que um Papa visita os Açores. O avião tem escrito o nome de João XXI. Içadas as bandeiras de Portugal e do Vaticano. Mais uns minutos e deslocará. Agora, sim, faz-se à pista. Os motores tomam alento. Deslisa. Toma peito. Ei-lo no ar. Daqui a uma hora aterrará nos Açores.» A locutora faz uma pausa e entra um locutor a dizer que há núvens no céu.

Notas sem tempo

Ela entoou: «Não há estrelas no céu...» Ele expressa numa frase miudinha o seu sorriso aberto.

Tudo tão banal! Pétalas duma linda rosa arrancadas e atiradas ao chão duro para serem pisadas pelas nossas botas.

Como cristão, esperava uma mensagem que avivasse a minha fé; acolhesse o amor que devo a todos os homens; e iluminasse, dentro de mim, o sinal de paz que a figura branca do Papa deve ser para todos nós.

Maior pecado e inconsciência a dum grande semanário... Disse ele:

«Saíu o *jackpot* aos peregrinos de Fátima. Estão de parabéns os cofres do santuário. Cairá ouro.»

Isto em resumo. Ao longo das páginas e nas entrelinhas vai insinuando e faltando ao respeito à nossa devoção e nossa fé.

• Mamãe Maria torrou farinha na tampa dum bidão que encontrou no lixo. Fez cova no chão para o lume e foi pondo na chapa a pasta fermentada da mandioca. Foi mexendo até ele encher. Irá à cidade para vender caneca a caneca. Muito caro. Também estão caros os panos, o peixe e o óleo.

Mamãe Maria tem seis filhos. Só um ajuda na lavra. Ela vai cedo, o mais pequeno nas costas. Enquanto cava e monda, o menino dorme ou brinca com os raminhos.

Nada percebe de partidos, de política, de investimentos e quetes nos países ricos para ajuda aos africanos. Nunca viu nada... Somente, uma

lata de leite dada pelas Irmãs quando o seu estragou por causa da febre.

Filhos, lavra, mandioca... As senhoras da promoção da mulher deviam elegê-la rainha do amor e dedicação. Qual?!... Regressará à sanzala, cansada e aflita, pensando que o peixe e o óleo acabaram.

Nos auditórios bonitos, enfeitados de lindas flores, continuarão os discursos burilados!

Nos grandes jornais, também, as reportagens formosas!

Padre Telmo

Uma carta

«Venho dizer que estou bastante aborrecida porque não sei o que se passa com jornal. Só ainda recebi um (9 de Março), e já aqui estou quase há três meses!

Já vos tenho dito que receber o GAIATO é como a visita de um filho. Por isso, vejam lá o que se passa.

Beijos da avó alentejana que pede as vossas orações
Assinante 33332»

Recordando

Na última crónica, referíamos que gostamos de transcrever recortes de cartas enviadas pelos nossos leitores dada a força que nos transmitem.

No correr da pena, também, muitas vezes, o nosso pensamento está em Pai Américo. É natural que assim aconteça, pois tivemos o privilégio de ter convivido muito de perto com ele; e, assim, lembramos certas facetas da sua vida que nos têm dado força para vencermos muitas das dificuldades com que este «mundo cão» nos tem brindado.

Hoje, quando ouvimos os nossos Padres, em certas ocasiões, falarem aos actuais gaiatos de Pai Américo, o nosso coração enche-se de alegria e satisfação.

É bom que eles saibam quem foi esse extraordinário Pai, que, em 16/07/56, ao partir da vida terrestre, deixou a todos nós uma valiosa herança.

Em 16/06/56 Pai Américo realizava a sua última cerimónia, que ele considerava o apogeu da Obra que tinha realizado: o casamento de um dos seus «filhos», concretamente o meu.

Passados 35 anos recordamos com saudade esse maravilhoso Pai.

Carlos Gonçalves



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Junho: 74180 exemplares